

A ILUSTRAÇÃO

REVISTA DE PORTUGAL E DO BRAZIL

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assignaturas e numerar
avulsos : em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 42, rua
da Alfama, LISBOA ; e no Brazil, ao sr. JOÃO DE
MELO, 38, rua da Quitanda RIO DE JANEIRO.
Preço do numero à Paris, 1 franc.

6.º ANNO. — VOLUME VI. — N.º 24

PARIS 20 DE DEZEMBRO DE 1889

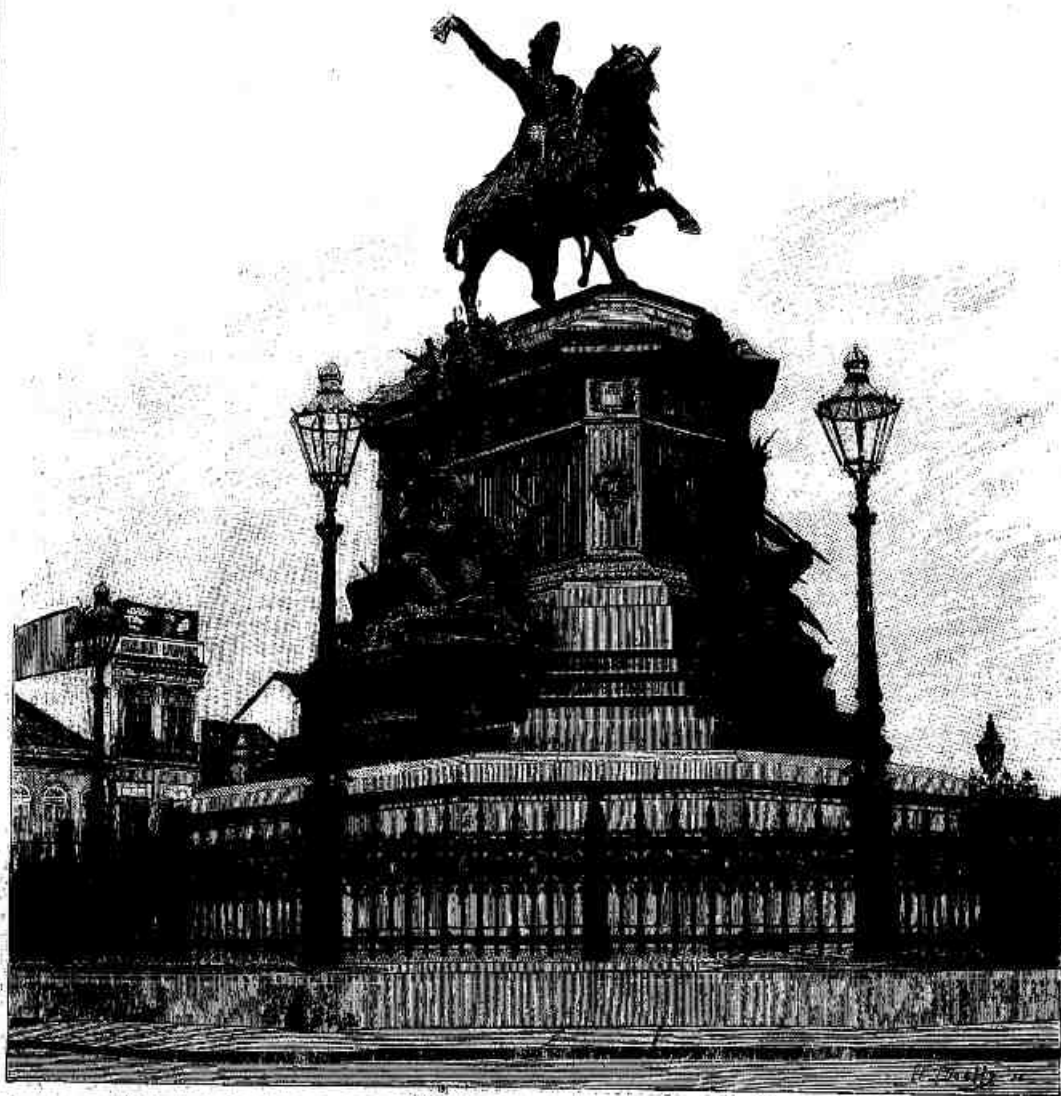
Gerente em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELO, 38, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS :

ANNO (CÔRTE)	12.000 REIS
SEMESTRE (CÔRTE)	6.000 —
ANNO (PROVINCIA)	14.000 —
AVULSO	500 —



RIO DE JANEIRO. — A ESTATUA DE DOM PEDRO I, NA PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO.



A TRAVÉZ DE PARIS

Heilbuth. — Un *cash* bravo. — Est-ce qu'il s'en f... ?
 Ne s'en f... pas. — Heilbuth! Este verbo no idioma
 parisiense. — Seu papel como netivo. — Seu papel como
 pronominal. — Coquelin de volta. — Um aniversário.
 — De fôrno á gloria, ou 28 annos da vida d'um
 homem celebre. — Patins o patinadoras.

Um adeus a esse pobre Heilbuth, o segundão allemão com espirito depois de Henri Heine. Os portuguezes que visitaram o pavilhão dos aquarelhistas lembram-se de certo d'esse nome e das suas lindas figurinhas de parisienses, tão gentilmente *croquées*, rosadas, um pouco *boulottes*, adoráveis. Ninguém como este gordo hamburguez comprehendeu a parisiense e exprimiu pelo pincel a sua graça fluida, o seu encanto penetrante, a sua irresistível sedução.

Uma outra especialidade de Heilbuth, — a da velha e já quasi extinta pompa romana e papal. Os seus cardões barrigudos e de olho malicioso, os seus guacilas nobres variegados como passáros das ilhas, as suas figuras mirrados de padecissimas ladinhas, os seus meninos de coro, as lúvias magnificentes guardadas por alabardeiros sumptuosos, os seus colloquios de prelados, de não polpuda e macia, nos terreiros do Pincio, hão de ficar como exemplares d'uma arte elegante e espirososa, d'uma ironia delicadissima, e d'uma virtuosidade sem rival.

Heilbuth parisiñava com Maurice Leloir e Debuse a realzo da aquarella moderna. Se eu fosse uma linda parisiense, vestir-me-hia de luto por 15 dias e iria levar um ramo de violetas á campa do meu pintor.

Elle chamou-lhe? Ou não lho chamou? *That is the question*, como diz lá o outro. O repórter affirmo que sim. Sardou affirmo que não. O caso é grave.

Trata-se d'uma *interview*, durante a qual essa velha enghetada e rebujenta que se chama Sardou, teria dito que nunca mais admitiria aos ensaios das suas peças, *ces petits de petits journalistes!*

Aquillo a seguido de pontanhas produziu escandalo. O animal de penna, visado pela injuria, obrigou-se. Mesmo os grandes mamamouchis da classe se sentiram arranhados. Magnard, do *Figaro*, saiu a campo, e em dez linhas que uma cobra cascavel não teria duvida em assignar, lembrou ao author da *Tosca* e outros pantomimas os favores que elle costuma solicitar dos *taes s...* de *petits journalistes*, quando se trata d'estimular a curiosidade em torço d'uma peça a ensaios. Sardou em resposta negou ter proferido tal injuria. Mas o repórter manteve o seu texto, e asseverou que Sardou ainda acrescentara *qu'il se f...* dos jornaes e dos jornalistas.

Um charco onde haja rãs, ao pôr do sol, poderá dar uma ideia vaga do concerto que levanteram na imprensa estas duas inicias, seguidas das suas respectivos reticencias. Pela sua indole particular, taes mysteriosos vocabulos são intraduzíveis n'esta folha circumspecta, e por isso não posso dar ao meus leitores pouco familiarizados com os segredos do francez que se não aprende no La Platte, uma ideia da offensa qu'elles encerram.

Seja-me porém licito lastimar, de passagem, mas profundamente falta incoherente que faz na lingua portugueza a presença d'um verbo tão servil e presunso como o intelligente ver-

bo — *se f...* Só quem vive em França e quotidianamente assiste ao labor infatigável d'este agente da ideia, e á parte enorme que elle toma na marcha das coisas e no progresso das instituições, é que pode avaliar os serviços que elle nos poderia prestar, se o acclimassemos entre nós e d'elle tirassemos o partido conveniente.

Conjugado na sua forma activa, elle substitue geralmente e com vantagem todos os outros verbos, o que desde logo supprime para o estrangeiro a fatigante tarefa de retor de memoria uma turba fugitiva de vocabullos inicias. Com o *Be-deker*, algumas camisas e o verbo *f...* todo o forasteiro, seja elle Croata ou Andorrino, pode *personar* a França, de Dunkerque a Marsella, sem saber de francez coisa alguma além d'alguns substantivos essenciaes: *F...et moi du pain!* *F...et moi du rosbouf!* Toda a gente o comprehendem sem esforço, e o seu atticismo será admirado. Não faltará quem exclame em volta d'elle: — Como este estrangeiro falla bom o francez!

Mas é sobretudo na sua forma pronominal que o verbo *se f...* representa uma necessidade publica, ao mesmo tempo que um ideal moderno e civilisado. Elle exprime então os desdons profundos, os nojos requintados, os mudos e alivos despezas que o especulo das corrupções contemporaneas, da baizeza das almas, da mesquinhez dos caracteres, da sordidez dos interesses, suscita no espirito d'uma elite de delicados e de desiludidos. Pela forma cohesiva do seu significado e das convicções que elle exprime, o verbo *se f...* applendido á palitica, produziu nada menos do que a constituição d'um partido que é simplesmente o mais numeroso, o mais unido, o mais firme, o mais sincero, que a França se orgulha de possuir — o glorioso partido dos *je m'en f...* *gloriosos*, o unico que a não explora, que a não arruina, que a não perturba. Na minha qualidade de bom patriota, eu desejaria para aquella que *me deu o berço* (estilo azul e branco) a adaptação d'um verbo susceptível de effeitos tão pesantantes e de influencias tão salubres, e não posso deixar de lamentar a sua falta n'uma terra onde, pela simples contemplação do que se passa na arte, na politica e nos costumes, todo o homem sensato e delicado de gostos e de hábitos, experimenta a necessidade de exclamar vinte vezes por dia: « Ora adous! *Je m'en f...* »

Quanto ao incidente Sardou, á hora em que escrevo, ja elle desapareceu na enxurrada de factos miadinhos que n'este Pariz entreteem a curiosidade em constante excitação. E a posteridade ficará sem saber se realmente Sardou *se f...* ou não.

Entretanto tivemos, sem tambor nem trombeta, a entrada, isto é, a reentrada de Coquelin na Comedia Franceza. Quando digo sem tambor nem trombeta, quero dizer apenas que o theatro se absteve de annunciar como espalhado este acontecimento consideravel. O nome de Coquelin figurava no cartaz em caracteres microscopicos. O famoso decreto de Moscou, assignado ao clarão das chaminas do Kremlin, regulou estas questões de precedencia entre a gente de quixico azulado. Rostopchin e o seu traigo desesapuro não impediram Napoleão de determinar que um ex-societario, readmittido na illustre companhia, só teria lugar na cauda do annuncio, entre os simples pensionistas. *Cabotin Bonaparte preux Cabotin aimé*. Sempre o olho d'agua do genio!

Isto não impediu o irmão de Cadet de receber uma deliciosa ovação a que elle se dignou mostrar-se sensível. As frequentes viagens aos paizes d'onde se volta banqueiro, não lhe fizeram perder as suas qualidades de *digitor* incomparavel, e a sua verve tão excitante e tão communicativa. E sempre a mesma voz mofadante e sarcastica, a mesma face de lacaio esportivo, o mesmo nariz de *pluymetro*, a mesma arte tranquilla e consciente da sua força.

Um jornalista descobriu uma singularidade chronologica. Coquelin estreara-se na Comedia Franceza no dia 7 de dezembro de 1861. Foi a 7 de dezembro de 1889 que teve lugar a sua reentrada. Elle sempre ha cada coincidência! N'este intervalo de 28 annos, Coquelin que tem boas pernas, não ficou sentado. Um amigo meu que ha cerca de 30 annos era empregado na alfandega de Botenha, tinha como padreira a excellente mamã Coquelin, e eram os dois manos quem, do cesto á cabeça e enfarinhados, lh'o traziam a casa ás 6 da manhã. Que este por menor, aliás todo em honra de Coquelin, não desvie da sua missão social os padeiros portuguezes que lerem estas linhas! A estatística prova que, se toda a padaria franceza não conseguia dar de si senão dois Coquelines, a nossa padaria nacional não chegaria a dar nem uma terça parte de Farinosa. Ora, francamente, para tal resultado, não vale a pena.

Para concluir, fallemos um pouco d'este lindo *frío* que por ahí vac e que promette, se assim continuarmos, dar triceiras aos urros do Jardim das Plântas. Mas ha compensações. A neve e a geada fazem Paris mais bonita ainda que o sol e o seu azul. Flaubert dizia que ha certos lugares na terra que a gente desejaria poder boiar e apertar contra o peito. O Bois inspira-me a mesma ternura em certas manhãs de inverno, como temos tido ultimamente. A relva dos *pelouses* é agora uma enorme *steppe* branca, lisa e polida, como o *peilho* do sr. Sadi-Carnot. Do céu cinzento destacam-se com uma nitidez de nervuras colhidas em herbarios, as copas das arvores, cobertas de geada, lembrando cabeças fidalgas da regencia, sob a penitencia de corte, polvilhadas á la *Maréchal*. Já se patina nos lagos. Nada mais encantador do que este sport tão delicado, tão feminino, um verdadeiro sport de senhoras. Com a sala curta, a bota húngara, a *jaqueta collante*, a gorta de lona, as faldas parecem bonitas, as bonitas tornam-se... *patas*. Que lindas attitudes, que morbidez de gestos, não permite este fino exercicio de destreza e de elegancia. Como os olhos riem com o prazer de velocidade extrema, como os labios sorriem, como as faces se avermelham sob o *acre beijo* do ar glacial, violentamente cortado com uma rapidez de expresso a todo o vapor! Sem fallar nas surpreendentes revelações das cambalhotas, que ás vezes excedem no imprevisto o que a imaginação mais audaciosa poderia desejar!

Viva o patim!

GISS.

ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

Se ao entalç-a no peito
 Me cahê desfeita uma flôr,
 Lembra-me, sonho desfeito!
 Sonho d'amor!

Se a borboleta do calix
 D'um linto aos ares se ergueu,
 Lembra-me, estrelha dos valles!
 Lirio do céol

Se inda um affecto em mim vive
 Entre os que mortos possuo,
 Lembra-me, sonho que eu tive!
 Lembra-me tu!

JOÃO DE DEUS.



AS NOSSAS GRAVURAS

RIO DE JANEIRO.

TUDO quanto se tem passado no Brazil, desde a abolição da monarchia até a proclamação da Republica, tem feito com que a attenção da Europa, e especialmente de Portugal, se concentre no Rio de Janeiro. D'aqui o interesse com que são acolhidas pelo publico todas as gravuras e retratos que digam respeito ao Brazil. E os jornaes de Paris e de Londres não se cansam de solicitar elementos das pessoas que mais de perto se acham em relações com o Brazil.

Uma das pessoas mais solicitadas em Paris da parte dos jornaes illustrados francezes e inglezes tem sido o nosso director Mariano Pina. Assim, todas as gravuras que appareceram no *Monde illustré* de 30 de novembro de 1889, o grande jornal parisiense de que é director o nosso illustre collega Edouard Hubert, foram executadas sobre photographias communicadas pelo director da ILUSTRAÇÃO.

E enquanto o *Monde illustré* fazia acompanhar todas essas gravuras e retratos da seguinte declaração: *d'après les photographies communiquées par M. Mariano Pina, directeur de l'« Illustration portugaise »* — varios jornaes illustrados portuguezes serviam-se não só d'esses elementos, mas de antigos retratos que só a ILUSTRAÇÃO tem publicado, para os dar como seus.

Isto vem de molde para responder a pequeninas aflições d'um jornal illustrado portuguez quando, alludindo desdenhosamente á nossa revista, faz bafos de que os seus clichés são absolutamente originaes. Ora esse jornal, de cada vez que se trata d'um assumpto de interesse geral, não só não copia as suas gravuras das gravuras dos jornaes de Paris, mas — o que ainda é peor — ainda por cima as estraga, sem dizer donde copiou! Os exemplos d'este procedimento abundam na folha em questão. Não nos damos ao trabalho de os enumerar, porque isso decerto exigiria um numero inteiro da nossa revista...

Adiante.

ESTATUA EQUESTRE DE D. PEDRO I.

Está erecta ao centro de um bellissimo jardim na Praça da Constituição. Foi inaugurada a 30 de março de 1862, tendo as despesas corrido por conta de uma subscrição popular, aberta pela illustrissima camara municipal.

E' trabalho do estatuario francez Luiz Rochet, a quem foi confiado por concurso, e custou perto de quatrocentos contos de reis, moeda l'azileira.

A balaustrada e candelabros que cercam o monumento foram fundidos no Rio de Janeiro.

Sobre um sóco de cantaria repousa o monumento, que é todo de bronze. O imperador, fardado de generalissimo, é representado no momento em que faz parar o seu cavallo e proclama a independencia do Brazil, nos campos do Ipiranga.

Quatro grupos allegoricos representam os maiores rios do Brazil. Algumas das figuras, notavelmente as dos indios do Amazonas, são de uma grande verdade e expressão.

O monumento todo tem uma altura de 15 metros e 70 centimetros; o peso total do bronze chega a 55.000 kilogrammas.

Na frente da estatua lê-se o seguinte distico:

A
DOM PEDRO
PRIMEIRO
GRATIDÃO
DOS BRAZILEIROS.

Com effeito — escreve um jornalista brasileiro, redactor da *Gazeta de Notícias* — sejam quaes forem as opiniões do futuro sobre a politica do primeiro imperador, tem elle um titulo que legitima a

suu estatua e hudo conservá-la perpetuamente no seu lugar: D. Pedro I foi o fundador de uma nacionalidade.

PANORAMA DO RIO DE JANEIRO.

As nossas duas gravuras representamos diferentes aspectos da barra e da entrada do Rio de Janeiro, um dos panoramas mais grandiosos que os viajantes se não cansam de admirar e de elogiar.

Ouvimos dizer a Coquelin, que tem percorrido toda a Europa e as duas Americas, que nunca sentiu diante dos aspectos da natureza impressão tamanha, como quando pela primeira vez entrou a barra do Rio de Janeiro.

Os nossos leitores de Portugal que já fizeram a viagem do Brazil hão de rever com prazer esses aspectos, que o nosso gravador reproduziu com uma verdade flagrante.

OS PONTOS NOS II

Raphael Bordallo Pinheiro acaba de imprimir em Paris um magnifico supplemento de 36 paginas do seu semanario *Os pontos nos ii* — todo dedicado ao pavilhão portuguez do quai d'Orsay, este pavilhão que tamanho successo obteve na Exposição de Paris, graças ao prodigioso e originalissimo talento do nosso querido amigo.

Recommendamos este importante supplemento dos *Pontos nos ii*, illustrado com desenhos de Bordallo e com admiráveis photographias do nosso collaborador Sgar, impresso em bello papel, e na mesma typographia parisiense onde se imprime a nossa ILUSTRAÇÃO — a todos os nossos leitores.

Todos quantos se regosijaram com a optima figura que Portugal fez em Paris, graças ao genio decorativo de Bordallo; todos quantos quiserem conhecer todos os detalhes d'essa admirável installação, devem comprar o supplemento dos *Pontos nos ii*.

D'ahi extrahimos, como amostra, a graciosa photographia que publicamos n'outro lugar da nossa revista, e que representa o bar de provas de vinhos e cafés portuguezes, com todo o pessoal, com as vendedoras vestidas com costumes nacionaes, conforme o exigiu Bordallo Pinheiro.

O texto d'esse bello supplemento é a historia de todos os trabalhos d'installação da exposição portugueza, feita por Bordallo. Historia das mais curiosas e das mais edificantes, e que dá por vezes azo a tristes reflexões acerca da desconfiança dos portuguezes pelas coisas realmente portuguezas e profundamente artisticas que o nosso paiz ainda possui, e de que raros fazem caso.

Que os nossos leitores se apressem a comprar esse bello supplemento dos *Pontos nos ii*.

D'essa historia passamos a transcrever a ultima parte, que é um bello grito patriotico em favor da nossa querida patria, e um protesto altivo contra a mania do *exotismo* que tão ridiculos nos tem tornado a nós mesmos e até aos olhos dos estrangeiros:

Eis-me chegado ao fim da minha peregrinação. Dos dissabores passados durante o periodo da ornamentação e da installação, já não guardo hoje o minimo ressentimento. Olho para a obra concluida apenas com a vaga tristeza de não ter podido realisar todos os meus projectos, todas as minhas phantasias, todos os planos que havia formado...

N'esta exposição do Quai d'Orsay faltou o tempo, e faltaram sobretudo os elementos portuguezes. Abrio a Exposição universal no dia 5 de maio, e n'esse dia ainda o pavilhão e anexo não estavam em condições de serem ornamentados, e faltavam principalmente os elementos de ornamentação.

Mas o que se fez, dá comtudo uma ideia do que se pôde fazer com os prodigiosos elementos artisticos de que o nosso paiz ainda hoje dispõe, — apesar do muito que as nossas industrias tem perdido com a horrorosa mania da assimilação constante das industrias estrangeiras.

Eu bem sei que a maioria dos que se dizem criticos na nossa terra, hão de chamar caturrice ou pose a esta minha affirmação absoluta de que Portugal ainda possui prodigiosos elementos d'um caracter exclusivamente nacional, podendo competir com o que ha n'outros paizes d'Europa. Não admira. Entre nós só ha olhos para o que o estrangeiro produz. E toda a nossa ambição seria fazer do nosso paiz uma imitação de tudo quanto se faz em França e em Inglaterra.

Esta é a nossa desgraça! Nós queremos que Lisboa seja « um Paris em ponto pequeno! » Nós queremos que as nossas praias e as nossas cidades d'aguas sejam uma servil imitação das praias e cidades d'aguas de França. Nós queremos que os nossos sitios de verão estejam cobertos de chalets suíços. Nós queremos que as nossas industrias percam os restos de caracter nacional que ainda possuem, e passem a copiar cegamente os typos das industrias francezas, inglezas e allemãs. Nós queremos tudo, nas nossas cidades, nas nossas casas, nas nossas mezas, nos nossos theatros, na nossa arte, na nossa litteratura e nas nossas industrias, tudo quanto não seja portuguez, e tudo quanto cheire a *exotismo*. Nós temos horror ás nossas toiradas, e só suspiramos por uma insignificante corrida de cavallos, ou pela semsaboria d'um tiro aos pombos. O que nós temos vergonha de ser — é portuguezes!

Mas que querentão dizer o interesse com que, homens do valor de M. Alphand, Berger, Paul Bourde, Landrin, Dr. Charcot, Clairin, Coquelin, Th. Deck, Champfleury, colleccionadores como o Barão e a Baroneza de Rothschild, percorriam o pavilhão portuguez, desejando obter os artigos exclusivamente nacionaes que lhe serviam de ornamentação?... Que possuem um gosto depravado; que são uns imbecis; e que nós é que temos razão desdenhando as nossas coisas, — quando são elles que fazem a critica e educam o gosto dos parisienses? Que dirão os nossos criticos quando lhes disser que Mme. Charcot e o pintor Clairin, tratam de obter as nossas chinas e os diferentes typos dos nossos cobrejeões, para com elles ornamentarem paredes de aposentos e de atelier?...

A minha estada d'um anno em Paris, n'este famoso anno da Exposição, e o successo que obteve o pavilhão portuguez do Quai d'Orsay graças aos objectos portuguezes ali expostos — confirmaram esta minha caturrice: de que em Portugal se deve provocar uma corrente d'opinião para fazer guerra á nossa desgraçada mania d'extrangeirismo, que tanto nos avilta, e tão incacteristicos nos torna...

Longe de mim a ideia de negar a necessidade da contemplação e do estudo das artes em França, das industrias em França, Inglaterra e Alemanha. Mas do estudo á parodia, á macaque, ha um abismo. E é este abismo que nós costumamos transpor, com uma insensatez imperdoavel...

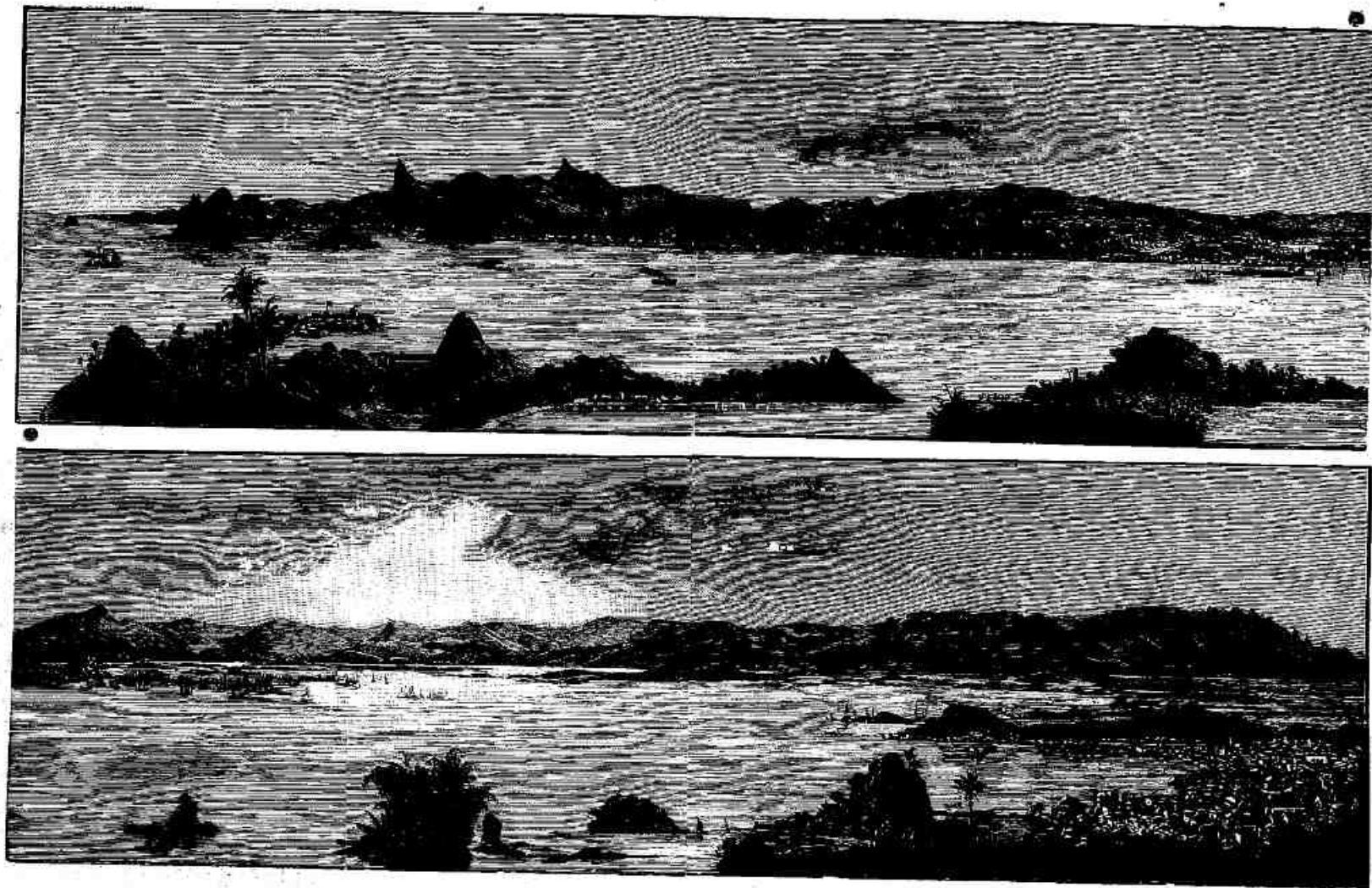
É contra este rebalçamento do caracter nacional que eu me revolto. Foi um protesto contra o desdém e a desconfiança pelas coisas essencialmente portuguezas, que eu procurei lavar no pavilhão do Quai d'Orsay, em plena exposição de Paris.

Os sorrisos de varios compatriotas meus, e as felicitações dos parisienses, é que hoje me animam a continuar com mais ardor do que nunca esta propaganda patriótica. E depois do que vi e do que aprendi em Paris; e depois de ver de perto como a França é grande, porque os francezes só admiram a França, fazendo guerra a toda e qualquer inovação que lhes seja imposta pelo estrangeiro, — com mais enthusiasmo ainda grito:

— Viva a França!
— Viva Portugal!...

Paris, 1889.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.



BRAZIL. O PANORAMA DO RIO DE JANEIRO. — (Ligação de A em A')



[CHRONICA DO BOULEVARD]

Pelas tardes frias de dezembro, quando o azul é puro, o ar leve e penetrante, e o termómetro baixa tranquilamente até zero, avermelhando as caras dos cocheiros — Paris *flana* contente ao longo do asphalto, entre a praça da Opera e a rua Drouot... Porque Paris *flana* sempre no mesmo sítio, no mesmo pedaço do boulevard, sempre do lado do Vaudeville, como nos bons tempos do *Parisiense* de Gondinet, que é o mesmo que dizer Nestor Roqueplan, Théophile Gautier ou Balzac.

Qu'importa que o município de Paris nos ofereça o parque Monceau — todas as maravilhas dos Campos Eliseos, para ver se descentraliza a vida da grande capital, e torna mais animados novos bairros luxuosos! O parisiense difficilmente perderá o

habito de boulevardiar, como o lisboeta nunca deixará de saborear esse prazer que os deuses talvez ignorem, e que se chama — «fazer o Chiado!»

E o parisiense e o lisboeta tem curradas de razão. O Chiado é bem mais interessante e bem mais lisboeta do que a Avenida. Hurrah pelo Chiado! Temos a coragem de amar o Chiado — n'estes tempos decadentes em que parece ser difficil ter a coragem de ter uma opinião...

O boulevard encerra as mais bellas tradições da grande capital. O

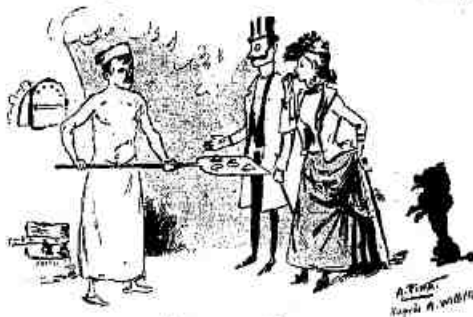
boulevard anda cheio de recordações famosas: e á hora do absynthe, elle povoado de historias que passam aos bandos, roçando as azas invisiveis pelos olhos dos que conhecem as lendas de Paris. E para ver passar o bando mysterioso, basta olhar para dois ou tres letreiros — *Café Anglais* — *Maison dorée* — *Torloni*. E os typos da eterna comedia humana passam guiados por Balzac, como se fóra um sonho aguarrellado pela mão de Gavarni...

São cinco horas. Vêm-se os amadores do absynthe, sentados nas terrassas dos cafés, saboreando o prazer de ver passar a onda humana. Vêm-se os amadores do eterno feminino, seguindo constantemente uma

LA GRANDE NEVROSE. — OS DOIS POLOS.
(Desenho de Augusto Pina, d'après José Roy.)

nuca de cabellos d'ouro, onde beijos podem cantar com mais alegria que os rouxinhos em dias de primavera. Vêm-se os amadores da politica, com os narizes enterrados nas noticias do parlamento. Vêm-se os amadores de livros, diante dos *étalages* dos livreiros, devorando com os

olhos as ultimas novidades illustradas. Vêm-se os amadores das coisas invisiveis, sentados ás portas dos cafés, diante d'um vermouth, os olhos



LES NUITS A PARIS.

(Desenho de Augusto Pina, d'après Willette.)

meio cerrados, distrahidos, felizes, risonhos, immoveis, gozando o prazer de viver, como certos mandarins de porcelana gozando da ineffavel

contemplação do proprio umbigo! Vêm-se de todos os feitios, de todas as cores e de todos os tamanhos. Vêm-se os parisienses de facto, e vêm-se os parisienses *in partibus* — os que são oriundos de Mar-



A EDITION ILLUSTRÉE DE JACK.

(Desenho de A. Pina d'après Myrbach.)

Livros illustrados! como eu vos amo e como eu vos admiro, de cada vez que vos vejo no *étalage* de Flammarion, sorrindo do fundo das vossas capas coloridas! Vós sois uma provocação! Vós sois tão excitantes e tão perturbadores, como os corpinhos dos parisienses que passam agora, a caminho do Bosque, desafiando o termómetro, enterradas em fôfos confortos de lona e extrakam! Vós sois o diabo tentador, disfarçado n'um volume de 300 paginas, com desenhos de Willette, de José Roy ou de Myrbach!...

Tenho a honra de lhes apresentar estes trez principios do paiz dos desenhadores, onde é rei, por graça do Genio, Sua Magestade Meissonier I.

Willette, que tem passado o seu tempo a estudar a physiognomia de Pierrot e de Colombine, deu-nos agora um livro — *Noites de Paris* — illustrando o texto do seu amigo Darzens, com panheiro de explorações e aventuras nocturnas. Os dois levam-nos a

selha ou de Lisboa, os que são oriundos de Fez, ou de Pekim, e que chegam a Paris de turbante ou de rabicho, anxiosos por matarem saudades do boulevard — d'este boulevard que nos é indifferente quando o pisamos, mas que abre um vasio enorme no nosso coração apenas d'elle nos achamos separados...

Comprehendo o amador do eterno feminino, como o amador das coisas invisiveis — aquelle para quem o boulevard não é uma machina de sensações, mas uma machina de evocações intimas. Mas o que eu mais comprehendo e o que mais se identifica com este vosso attento venerador e criado — é o amador de livros.



MISS RÉCLAME.

toda a parte, ás Montanhas russas e ao Bullier, ás Folies-Bergère e ao Chat-Noir, ao Elysée Montmartre e ás esquadrões de polícia, ás Halles centrais e até ás scenas da Roquette, quando, ao despoitar do dia, cae no céso fatal a cabeça d'um condemnado á morte... Brer! — O meu collaborador deixa de lado as scenas tragicas, e mostra-lhes apenas um typo da parisiense e do gommoso de Willette, indo ás trez horas da madrugada, seguidos do inevitável caniche, comer brioche a um famoso padeiro do faubourg Montmartre.

José Roy estuda agora com o dr. Gérard — o famoso apologista da fecundação artificial — os typos da grande nevrose parisiense: — da nevrose da ambição, da nevrose religiosa, mystica, conjugal, da réclame, do estomago, do alcool, do jogo, do amor, etc.... Porque tudo hoje em dia é nevrose, segundo os doutores da sciencia, — nevrose literaria, artistica, scientifica, mundana, commercial, financeira, politica, militar, etc., etc. e etc.!

Uma das mais curiosas é a nevrose daréclame, que reunio n'um mesmo abraço invisível, mas indissolúvel — Sarah Bernhardt e o general Boulanger! Mas uma das mais perigosas dizem os medicos ser a nevrose do amor. Para que ella se manifeste, basta apenas o contacto, ás vezes a simples approximação, de dois accumuladores de electricidade. Vemos d'um lado o *polo negativo*, mais vulgarmente conhecido pelo nome de *Homem*; do outro o *polo positivo*, mais vulgarmente conhecido pelo nome de *Mulher*. Pois basta ao que parece que estes dois fluidos se communiquem ligeiramente entre si, pela vista ou pela epiderme, como já o havia previsto Chamfort, para que a Nevrose rebente, mais terrível e mais destruidora que toda a nitroglycerina dos nihilistas e dos anarchistas... Recomendamos o capitulo aos pais de familia, aos maridos, e aos namorados dos annuncios do *Diário de Noticias*, a quem a paixão muitas vezes cega. *E' de fazer arrepiar os cabellos* —

Quanto a Myrbach, esse mostra-nos hoje na deliciosa collação *(table d'hôte)* que chui sendo o encanto dos verdadeiros amadores de livros, os typos e as scenas d'essa obra-prima de sentimento e de simplicidade assignada por Daudot, e que se intitula *Jack*. Diz assim o romancista, na passagem que o meu collaborador escolheu, para lhes dar uma amostra das composições de Myrbach:

« O cantor pôz-se de pé, dentro do burco em que elle e a creança atravessavam o Loire, um pouco acima de Paimbeuf, e abraçando o rio com um gesto emphático exclamou: — « Olha, meu velho Jack, como tudo isto é bello! »

E o amator de livros illustrados, encantado com a belleza das edições parisienses, passa d'um a outro, d'um livro de 3 francos e 50 a um livro de 100 francos, d'um jornal a uma revista illustrada, d'um fasciculo a um album de Caran d'Ache, desejando possuir tudo, comprar tudo, trazer todo o *étalage* para casa, e passar a vida na contemplação de todas essas maravilhas, na voluptuosidade d'esse gozo da vista e do espirito, que só os escriptores e os artistas de Paris tem o segredo de nos saber communicar — tornando-nos nos felizes, profundamente felizes...

Mas...

U' odioso mas! é infame, é reles, é vil, é crupuloso mas!... Para que has de assim esmagar a nossa felicidade?...

Mas... o amator de livros illustrados meze e remeze, vira e revira, volve e revolve as algebeiras... E por fim convence-se — ó miserável realidade da vida! — que para comprar, que para possuir todas essas tentações da livraria, precisava ter uma parte nos lucros, já não digo da casa Rothschild, mas pelo menos do banco de Portugal...

Resta-lhe porém a consolação suprema de os

ter visto, de os ter folheado, de os ter contemplado á vontade — com o mesmo prazer com que no Louvre se contempla essa dama de mármore, que perdeu os braços não se sabe como, e que dá pelo nome de Venus de Milo!

MARIANO PINA.

AS NOSSAS GRAVURAS

(Conclusão).

REGORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS.

Os acontecimentos que se passaram no Brazil impõem-nos o dever de offerecer aos leitores da *Illustração*, não só os retratos de S. M. o sr. D. Pedro II de toda a familia imperial, como também outras gravuras d'aspectos brasileiros. D'aqui a necessidade de resumir no presente numero a serie de gravuras que estamos publicando sob o titulo de: *Recordações da Exposição*.

Não quisémos porém demorar mais tempo uma grande pagina representando o interior do

PALACIO DAS MACHINAS

esta maravilha de construção que tanta honra faz á architectura franceza, — o interior do palacio, com toda a sua vida, com todo o seu movimento assombroso, cujo espectáculo ficará para sempre gravado na memoria de todos quantos puderam contemplar o *palais*.

Mostramos emfim aos leitores da *Illustração* esta grandiosa e esmagadora maravilha, toda vibrante do resfolar dos enomes volantes, dos silvos dos jactos de vapor, e da trepidação d'os pistons. A colossal casacca une-se a 48 metros acima do solo... O hall das machinas tem exactamente 430 metros de comprimento e 115 metros de largura. A sua gigantesca carcassa é formada de vinte costellas rhodantes de 40 e 50 metros d'estensão; nunca se tinha atingido semelhantes proporções.

No dia 5 de julho de 1887 começaram-se os alli cecos destinados a supportar o immenso peso de 7.784.500 kilogrammas!

Os trabalhos dos alicerces duraram seis mezes. Nos ultimos dias de setembro de 1888, o principal d'este magnifico trabalho achava-se concluido, cobriado uma superficie de 48.385 metros quadrados, pecto de cinco hectares. Começaram immediatamente os trabalhos do envidramento; collocaram-se os grandes vitraes dos dois extremos, representando um *Carro do sol*, e o outro a *Batida de Bourvins*; e cobriram-se os frisos com immensos frescos decorativos, representando as principais cidades do mundo — approximadamente dois hectares de pintura!

Dizer-lhes agora o que esta galeria continha de machinas de todos os tamanhos e de todos os folios, eis o impossivel. As machinas expostas contavam-se aos milhares, servindo para as mil necessidades da vida quotidiana: para as grandes, colossaes, como para as pequenas industrias.

O movimento e o ruido d'esta galeria causava uma prodigiosa impressão d'assombro. A multidão que enchia a galeria calculava-se por dezenas de mil pessoas. Os elevadores, como se vê no primeiro plano da nossa gravura, estavam sempre cheios. E esperava-se uma hora para poder tomar lugar nas pontes volantes movidas pela electricidade, que constantemente percorriam toda a galeria a alguns metros acima das correis de transmissão de força.

O palacio das machinas deve-se á collaboração dos srs. Dutert, architecto; Contamin, engenheiro. Este palacio custou 7 1/2 milhões de francos, ou sejam 1.350 contos de reis.

As machinas motoras que punham em movimento todas as machinas expostas, o que se achavam collocadas fóra do palacio, eram 32. A força motriz total era de cerca de 1.600 cavallos.

Os expositores estrangeiros occupavam na galeria das machinas um terço da superficie total. Porce-nos não errar, dizendo que Portugal não expôu uma unica machina!... Anão sor á ultima hora uma machina de fabricar fitas, systema Moraes, e que foi exposta pelo dr. Carlos Mayer.

Para a illuminação havia 86 lampadas d'arco de

35 ampéres, formando a luz de 30.000 carcel. Mais 4 lustros de 6 lampadas, a luz de 1.000 carcel cada uma, forneciam a luz de 24.000 carcel.

Pode-se calcular de 80 a 90.000 bicos carcel a quantidade de luz espalhada á noite na galeria das machinas.

Parce-nos escusados mais detalhes. Os que acima deixamos impressos são o bastante para os leitores da *Illustração* fazerem uma ideia do grandioso espectáculo que a nossa gravura representa.

LIVROS ILUSTRADOS

A *Illustração* publica hoje uma chronica de livros illustrados, texto de Mariano Pina, desenhos de Augusto Pina, d'após os desenhos que illustram certos livros que raras vezes chegam ás mãos do publico de Portugal e do Brazil.

O mago artista, que apresentamos no passado numero aos leitores da nossa revista, procura n'este numero de desenhos dar a ideia exacta do estilo de cada um dos desenhadores parisienses que collaboram nos volumes que o publico de Paris tanto aprecia, e que constituem o encanto das modernas bibliothecas. Gremos que alcançou plenamente o seu intento, conservando aos desenhos de Willott, de José Roy e de Myrbach, todo o caracter e todo o brilho dos originaes.

A *on-tête* da chronica é original do mago artista, alumnio d'um dos primeiros ateliers de Paris. Não lhe tecemos elogios, porque é um desenho hesitante da quem pela primeira vez apparece em publico, com toda a timidez d'um estudante de bellas-artes.

De que nos felicitamos, é de ver no irmão do nosso director um collaborador da *Illustração*, podendo em breves annos tomar a seu cargo a direcção artistica da nossa revista. E nas nossas felicitações vão os parabéns de todos nós ao nosso director Mariano Pina.

B. R.

A FAMILIA IMPERIAL BRAZILEIRA

S. M. o sr. D. Pedro II, S. M. a sea, D. Maria Theresia, SS. AA. a princeza D. Isabel (condessa d'Eu), príncipe D. Luiz d'Orléans (conde d'Eu), D. Pedro (príncipe do Grão-Pará), e D. Luiz e D. Antonio (filhos dos condes d'Eu), e D. Pedro Augusto de Saxe — chegaram a Lisboa no dia 7 de dezembro de 1889 a bordo do vapor *Alagoas*.

O *Alagoas* appareceu á vista da barra do Tejo ás seis horas e cincoenta minutos da manhã. A's nove horas o vapor lançava feroz no ancoradouro do Lazareto. Pouco depois chegavam tres vapores nos quaes iam, além de cumprimentar o imperador, entre outras pessoas, os srs. conde o barão de Nogueira, barão d'Aguiar d'Andrade, barão de Penedo, barão de Marajó, Sebastião Guimarães, dr. Meneses Vieira, Sant'Anna Nery, conde de Barral, Luiz Guimarães, pessoal da embaixada do Brazil, barão de Muttoswalles, visconde de S. Joaquim, Eduardo Prado, dr. Forbes, e Paulo Portalegre, o consul brasileiro em Lisboa, que, respectivamente, se curvou perante o imperador e lhe beijou a mão.

A's onze e meia, a galéa real atracava ao *Alagoas*, e S. M. o sr. D. Carlos I, de grande uniforme de almirante, acompanhado pelos srs. ministros da marinha e dos estrangeiros, conde de Mossamet, governador civil e officiaes ás ordens, subia a bordo, e era recebido nos braços de seu tio, que lhe perguntou:

— Estás bom? E teu filho? Tua mãe? E a Amelia?

O sr. D. Carlos dirigiu-se logo a cumprimentar a imperatriz e a princeza, e pouco depois a familia imperial passou para a galéa. N'este acto, El-rei deu o brago a S. M. a imperatriz.

A galéa real foi occupada exclusivamente pelo sr. D. Carlos, pelos augustos viajantes e pelo pagão da princeza imperial, na sua galéa reversida de Banella.

Os navios deram as descargas do estilo, arvorando no mastro grande as bandeiras portugueza e brazileira, e os marinheiros, subidos ás vergas, deram os vivas da ordenança.

A galéa real, que recebeu os augustos viajantes, dirigiu-se para o arsenal da marinha, onde era aguardada pelo pessoal superior d'esto estabelecimento, ministros e muitas pessoas da corte e do alto funcionalismo. Fozia a guarda d'honra em habillado d'infanteria.

Logo que desembarcaram, o imperador e sua família despediram-se d'el-rei, que foi para Belem, e foram a S. Vicente da Fôra visitar el-rei D. Luiz. Eram esperados no jargo da família de Bragança por S. M. a sra. D. Maria Pia, acompanhada pelo sr. infante D. Affonso. O sr. D. Pedro II mostrou-se muito sensibilizado n'esta visita funebre.

A saída de S. Vicente, a família imperial dirigiu-se ao paço de Belem a cumprimentar a rainha a sra. D. Amelia, com quem conversou algum tempo. De Belem retiraram-se para os seus alojamentos no Hotel Bragança.

A família imperial chegou ao hotel ás 3 horas e 30 minutos. Vinha em laudas descobertos da casa real, puxados a duas parelhas.

Na primeira carruagem vinham Suas Magestades os imperadores, e no assento de diante a princeza imperial.

O imperador desceu primeiro e ajudou depois a descer a imperatriz. Para que esta senhora podesse apaiar-se, foi necessario collocar-lhe junto da portinhola um dos assentos da almofada, a servir de estribo.

No vestibulo esperavam Suas Magestades grande numero de pessoas da colonia brasileira e alguns jornalistas.

A primeira pessoa que beijou a mão ao imperador foi o sr. Pinheiro Chagas, que estava á porta do hotel.

Sua Magestade disse-lhe, com ar affectuoso e risinho:

— Adeus, Chagas; então tem-se escripto muito?

Depois o imperador foi cumprimentado pelos membros da colonia brasileira, que se achavam no vestibulo do hotel, dirigindo a todos phrases amáveis.

Esta scena durou alguns minutos.

Suas Magestades, seguidos de sua família e pessoas do sequito, dirigiram-se em seguida ao andar nobre do hotel, aos aposentos que lhes foram destinados e que estão mobilados com muito gosto e sumptuosidade.

Além das pessoas da família imperial, vinham ainda a bordo do *Atagoas* formando a comitiva — viscondessa da Fonseca Costa, barões de Lazareto, conde da Motta Maia e filho, barões de Maristiba, dr. André Rebouças, aio dos príncipes, Fritz Stokl, D. Joanna de Alcantara, D. Leonilda Esprozel, D. Ludomilla de Santa Mora, D. Maria da Gloria, D. Julieta Alves, W. Bouchet, Eduardo Damer e Guilherme Camerlokler.



CONDE DA MOTTA MAIA
Medico do Imperador.

A ILUSTRAÇÃO offerece aos seus leitores os retratos de toda a família imperial, assim como o retrato do conde da Motta Maia, medico particular do sr. D. Pedro II, e que tão dedicado tem sido ao ex-imperador.

A proposito do dom de 5000 contos que o governo provisório offereceu ao sr. D. Pedro II, para despezas de viagem, e acerca do qual fizemos varias reflexões no passado numero da ILUSTRAÇÃO, — é do nosso dever transcrever as seguintes linhas que encontramos no nosso distincto collega de Lisboa, o *Dia*:

« Eis como se originou o boato.
Mas se soubo que a família real ia deixar o Rio de Janeiro, o tenente coronel Guilherme Lassance, mordomo do sr. conde d'Eu, foi ao thesouro e ali disse que estranhava que assim se expatriasse uma família sem se lhe darem meios para a viagem, no que lhe foi respondido que o governo punha á disposição do imperador a quantia de cinco mil contos.

Isto, porém, chegou aos ouvidos do S. M. o imperador, que ordenou logo ao seu mordomo que nem então nem depois accettesse qualquer quantia, que fosse, salvo a que lhe podesse ser arbitrada pelas constituintes.

A REPUBLICA BRAZILEIRA: — CAMPOS SALLES.

Continuamos hoje, com o retrato do sr. Campos Salles, a serie dos retratos dos homens mais eminentes que se acham á frente do movimento republicano que aboliu a monarchia, e dos que fazem parte do actual governo provisório.



CAMPOS SALLES

Ministro da Justiça do governo provisório do Brazil.

E á proporção que fomos adquirindo outros documentos interessantes acerca do Brazil e dos seus homens publicos, assim os iremos dando a lume, para que a ILUSTRAÇÃO ponha d'este modo o publico portuguez ao corrente de todos os acontecimentos — acontecimentos que tanta impressão tem causado em Portugal. E o contrario é que seria para estranhar, porque os brasileiros representam na America uma parte da alma portugueza, ainda hoje espalhada por todos os continentes com gloria nossa e proveito da civilização humana.

O ministro da justiça do actual governo provisório, o sr. Campos Salles, é um advogado paulista, intelligente, de palavra facil e fluente, que ha longos annos milita pela causa republicana tanto na imprensa como nas reuniões publicas. É novo ainda, quarenta annos quando muito, e conta grande numero d'amizades não só na sua provincia, como no Rio de Janeiro. Foi deputado geral na legislatura de 1884.



INSTRUI!...

A felicidade! Em que é que consiste essa illusão? No amor? Na saude? Na riqueza? De que serve que um homem encontre todas essas fortunas invejadas, se por cada homem que as possui ha um milhão de homens que as não tem?

Ha-de nascer o primeiro venturoso quando morrer o ultimo desgraçado.

Amantes apaixonados e millionarios sybaritas, que no vosso egoismo vos julgais inteiramente, completamente felizes, para

augmentar ainda a vossa felicidade, dedicavos o seguinte idyllio gracioso, escolhido agora, e ao acaso, de entre muitos outros que succedem no vosso paraizo terreal.

A praça está deserta. A noite é fria como gelo. E, enquanto as begoneas dormem no conforto das estufas, ha ali uma creatura humana que dorme na pedra das calçadas.

E' um mendigo e um ladrão. De dia pede esmola, e á noite exige-a. A' hora da missa encontra-se á porta das egrejas, e é o mendigo; á hora do crime encontra-se á esquina das viellas, e é o ladrão. De dia traz meletas, de noite traz navalha.

Vede-o. E' uma ignominia embrulhada n'um farrapo. Cahiú ali como um fardo de miseria, estupidamente, brutalmente, mascarando pragas.

De onde veio esse homem? Da prostituição, do lodo anonymo. Entrou na vida pelo postigo de uma roda, e ha-de sahir da vida pelo alçapão de uma guilhotina. Rompeu de um ventre, como um sapo de um esgoto.

A mãe quando o deu á luz, não viu o fructo do seu amor; viu a prova do seu crime. Escondeu-o no mysterio como o assassino esconde a sua victima.

E o pae? Seria um principe, ou um condemnado das galés? E' indifferente. Em ambos os casos, um bandido.

E de resto que lhe importa a elle! E' um fructo do chão, um fructo podre. Vem do esturme e vae para a fossa.

Aos dez annos conhecia todos os vícios, ignorava todas as virtudes. Na época em que as creanças roubam ninhos, elle roubava relogios. Precocidades.

Quando as outras são anjos, já elle era gatufo. Na idade em que se aprende a lêr, elle aprendia a assobiar.

Os preconceitos e os crimes buscam cerebros analphabetos, como os morcegos e os chacues buscam os subterraneos ás escuras. Ha mais luz nas vinte e quatro letras do abcdario, do que em todas as constellações do firmamento.

Não teve mãe, não teve pae, não teve berço e não teve escola. Germina como um tortulho venenoso. A lama ensanguentada da miseria tem d'estas gerações espontaneas!

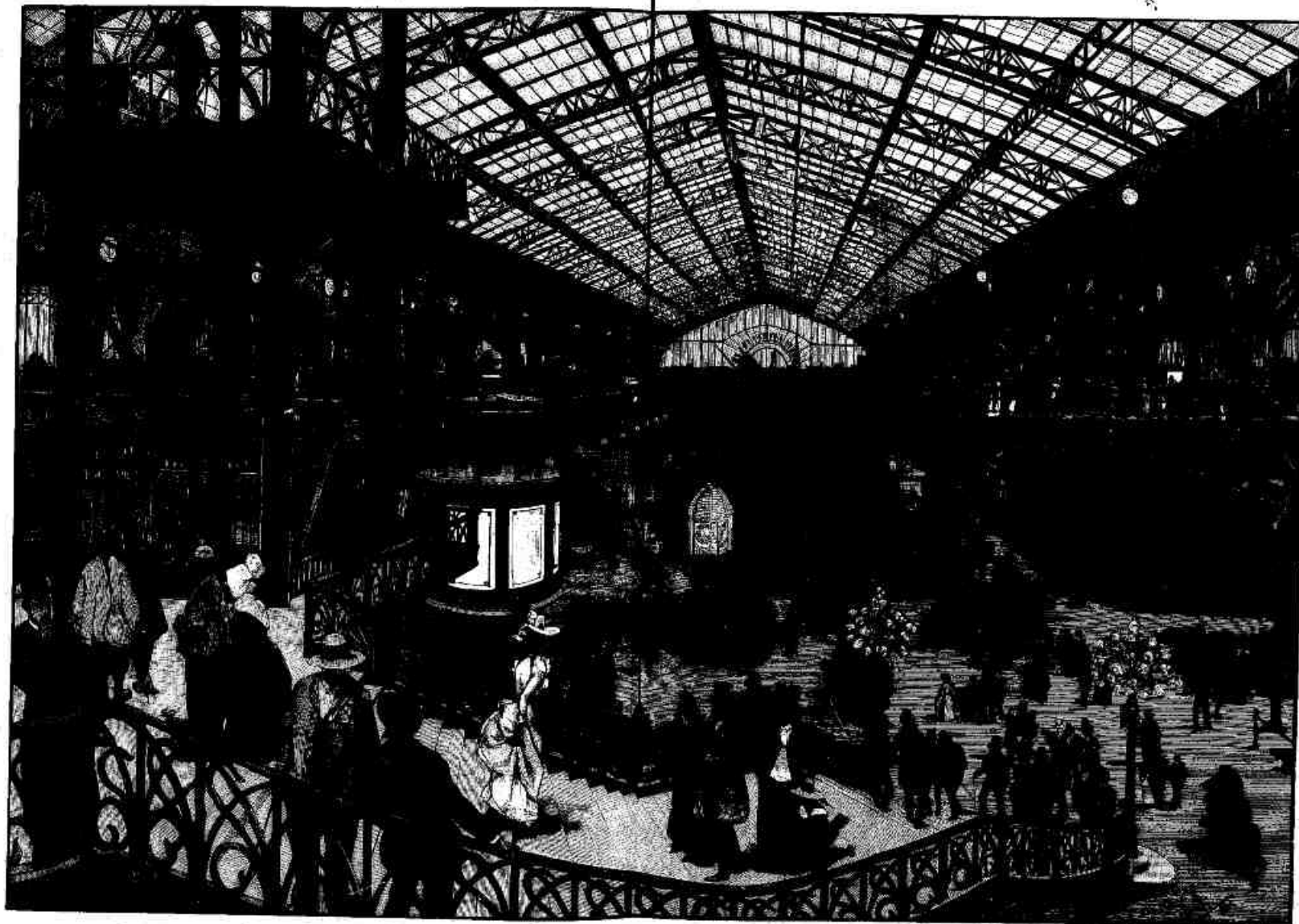
Aos quinze annos deixou de ser gatufo para começar a ser ladrão. Já não tirava lenços das algebeiras, tirava libras das gavetas. Ao principio entrava pelas portas, depois chegou a entrar pelos telhados.

Progrediu por tal modo, que na idade em que se recebe na egreja a primeira communhão, elle recebia no tribunal a primeira sentença. Seis annos de cadeia: uma formatura em ladroagem. Quando entrou levava uma gazua, quando sahiu trouxe uma navalha. Foi rapazola e veiu tigre. A cadeia enguliu um malandro, e vomitou um assassino. Aperfeiçoou-o no roubo e leccionou-o na faca.

D'ahi em diante distribuiu o seu tempo d'este modo: Tres annos nas galés e tres mezes na taberna. Um assassino sac muitas vezes de uma garrafa. O vinho, propriedade tenebrosa!... combinado com o sangue.

A' bebedeira seguiu-se a indigencia, o delirio tremens. N'aquelle cerebro de perversidade passou um terramoto de loucura.

Por fim ali o tendes. E amanhã a estas



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS. — O PALÁCIO DAS MACHINAS. -- O ELEVADOR — AS PONTES ROLANTES.

horas, quem sabe! estará talvez n'uma guilhotina, dentro de uma cova, ou no fundo de um rio. O cutelo, a miséria e o suicídio, disputam-no entre si. Tres abutres á espera de um cadaver.



VORREI MORIRE!

Canta uma voz... E' noite... A noite é fria, o céu gótteja estrelas... Sombra densa. Dêce voz de mulher!... Paíra, sombria, na treva espessa uma tristeza immensa...

Canta: tem gritos de paixão fremente... Abre-se o coração — gruta em ruínas — para sorver-lhe a melodia ardente, para escutar-lhe as notas crystallinas.

Canta: as notas soluçam... Ha queixumes longos, tristes, dolorosos... Passam na noite, em lugubres cardumes, todas as queixas dos perdidos gosos...

Almas que morrem: corações partidos em plena flor, em plena mocidade — n'aquelle canto exhalam-se em gemidos, gemem na angustia da immortal saudade...

Aquella voz, aquella voz sublime — voz de archanjo e mulher, forte e sonora — no intenso arroubo, gemedora, exprime quanta magua de amor o mundo chora!

Os sons, que passam — passam brulhados de sangue e pranto... são, lambinantes, os tristes ais dos peitos desprezados, as supplicas perdidas dos amantes...

— «Vorrei morire!» — Como é cedo a vida! Voz de mulher e moça — e falla em morte! Lança na noite uma amargura infunda essa queixa tristissima da sorte.

Dizem que a vida é bella, é boa a treva... O vento lá por fóra, nos espaços galopando febril, nas aças leva um fremito de beijos e de abraços...

E, no entanto, ha labios solitarios, labios sedentos de gostosos beijos, almas mortas nos tragicos calvários dos impossiveis e fataes desejos!

Quanta tristeza! Aos poucos se esvaece a voz que canta... As almas dos Trahidos, colhendo no ar as notas d'essa prece, ungem na sombra os corações feridos.

Catou-se a voz. Na escuridão, furtiva, não ha canção de brisa que suspira... Rôla... cae-me do olhar lagrima esguia, soluça o coração: «Vorrei morire!»

MEDeiros e ALBUQUERQUE.

A «ILUSTRAÇÃO» 3 VEZES POR MEZ

Continuamos a receber numerosas adhesões de todos os pontos de Portugal e de varias cidades do Brazil á ideia apresentada por alguns srs. Assignantes, da ILUSTRAÇÃO passar a publicar-se tres vezes por mez, em vez de duas, como actualmente succede, — a fim de poder dar maior desenvolvimento tanto á sua parte artistica, como á sua parte litteraria.

Esta ideia tem tido um acolhimento que excede a nossa expectativa, porque a verdade é que nós nunca julgavamos que as adhesões fossem tão numerosas, e tão vivas as sympathias que a ILUSTRAÇÃO conta na sociedade portugueza e brazileira.

Mas ainda estamos longe de possuir as adhesões do que em nossa consciencia entendemos ser a maioria dos nossos leitores.

E' por isso que continuamos a sollicitar a opinião de todos os leitores da nossa Revista. As pessoas que desejam que a ILUSTRAÇÃO, seja ou não seja publicada TRES VEZES POR MEZ devem mandar o seu voto n'um bilhete postal assim dirigido:

DIRECTOR DA ILUSTRAÇÃO

43, Quai Voltaire, 13

FRANCE

Paris.

Todos os votos de approvação ou reprovação devem trazer claramente indicados os nomes e as moradas dos signatarios.



DEBAIXO DA GUILHOTINA

VER uma guilhotina em repouso, em estado inoffensivo, é desejo, que nunca tem abandonado.

Fiz nos meus livros tanta gente subir ao cadafalso, que não é curiosidade indisculpavel em mim a pretensão de saber como é construido o apparelho. E' verdade que o tinha visto representado em gravuras, mas d'este modo deixa apenas recordação muito vaga.

Sentia-me pois, a pesar meu, attrahido para a guilhotina do museu da sr.^a Tussaud, ou antes para a guilhotina do sr. Samson, conforme reza uma inscripção encaixilhada.

Pois affianço-lhes que é um machinismo altamente engenhoso, com o qual tinha direito de ufanar-se o cidadão Guillotin.

A da sr.^a Tussaud nada deixa que desejar. E' completissima. A' direita vê-se de prevenção o cesto. O alcapão está descido e o cutello no alto. Falta apenas o réu.

Ha pouco tempo esta guilhotina, prompta para funcionar, tentou um parisiense, que quiz ver que tal estaria sobre o alcapão e com o pescoço mettido no postigo: para tal fim levantou a parte movel d'este, estendeu-se sobre o alcapão, metteu o pescoço pelo buraco, e uma vez ali, baixou até ao nível da nuca a corrediça, na idea de que depois não teria mais do que levantar-a e encolher a cabeça, como faz o caracol quando quer metter-se na casca.

Mas o parisiense estava enganado: sentido o pescoço do postigo tem que ficar ali preso até cabir o cutello. Podia lá ser o contrario, tractando-se de um apparelho tão serio como a guilhotina!

Uma pequena mola que se põe dissimuladamente em movimento fixa a corrediça, e como esta mola só é conhecida do carrasco, ainda que o condemnado conseguisse soltar as mãos, não poderia movel-a.

E' mister prever tudo.

Assim pois o nosso parisiense, depois de permanecer cinco minutos sobre o alcapão e com a cabeça metida pelo postigo, conhecendo que via apenas a serradura existente no fundo do cesto e que semelhante espectáculo offerencia pouca variedade, tentou levantar a corrediça para retirar a cabeça, e depois proseguir na sua visita ao museu, metter-se outra vez na carruagem e voltar para a hospedaria.

Já o nosso homem imaginava o effeito que havia de produzir em França, ao contar aos seus companheiros de meza redonda que tinha ensalado a guilhotina onde morrera Luiz XVI e mettido a cabeça pelo mesmissimo postigo por onde metterá a sua o neto de S. Luiz. Acrescentaria contudo:

— Mas eu cá fui menos tolo; tirei-a.

Como vêem, o parisiense tinha já composto a sua phrase de espirito, e tudo o mais.

Mas, desgraçadamente para elle, não deitara bem as contas.

Philantropos sociaes, respondi-me a isto: As vossas estatisticas dizem — a instrução diminui a perversão. — Quer dizer, o alphabeto diminui o crime. O crime é uma doença da alma, como uma pneumonia é uma doença dos pulmões.

Para a doença ha um remedio e para o envenenamento ha um antidoto. Como se deita abaixo uma cadeia? Acotovelando-a com uma escola. O professor ha-de eliminar o carcereiro.

A luz absorve os miasmas do espirito, como os arvoredos os miasmas dos pantanos. No homem ha duas coisas — o instinto, que é um cego, e a consciencia, que é um pharol. As consciencias são as sentinelas dos instinctos. A razão é o domador dos appetites.

Como se faz a separação? Illuminando as ruas? Não; illuminando os cerebros. A guilhotina castiga os assassinos, mas não ressuscita os assassinados. Não indemnisa, vinga.

Ora muito bem, senhores economistas philantropos.

Se as vossas estatisticas, com a exactidão precisa de um thermometro, vos declaram que a instrução faz baixar a criminalidade de cincoenta, quarenta, vinte por cento que seja; se ellas vos affirmam, repito, essa verdade indiscutivel, respondi-me claramente á pergunta que vos faço.

Dentro de uma cadeia ha cem analphabetos. Se a sociedade os tivesse ensinado a soletrar, esses cem criminosos ficariam reduzidos a oitenta. Quem é, pois, responsavel pelos outros vinte? A sociedade.

Se não admittis a conclusão, rasgae as estatisticas; se a admittis, como creio, farcis o seguinte:

Ha um jury instituido para julgar um assassino analphabeto. A sentença deve ser esta:

Considerando que as feras não podem andar em liberdade pelas ruas;

Considerando que a miséria do criminoso foi um incentivo para o crime;

Condemnamos o monstro a ser mettido n'uma jaula;

Condemnamos o ignorante a ser mettido n'uma escola;

E condemnamos o vadio a ser mettido n'uma officina.

Dêem-lhe uma escola, um alphabeto e uma ferramenta.

Mas considerando que, se a sociedade tivesse fornecido um a b c ao ignorante, e um officio ao mendigo, a somma da ignorancia com a miséria não produziria este resultado — o crime;

Considerando que a sociedade foi a causa, e o bandido foi o effeito;

Condemnamos a Sociedade a que dê instrução a todas as creanças, e dê trabalho a todos os famintos, applicando-se mais a evitar os assassinatos, do que a regenerar os assassinos.

GUERRA JUNQUEIRO.

Quando quiz levantar a corredeira, esta permaneceu immovel, como se formasse uma só peça com a guilhotina.

O parisiense insistiu, e a corredeira insistiu igualmente.

De repente acudiu ao desgraçado uma ideia que lhe fez brotar uma gota de suor em cada póto, e foi que podia enganar-se com a mole e soltar a que em vez de levantar a corredeira fizesse calhar o cutello.

Em tal caso, decapitar-se-lhe sóstinho, sem auxilio de mais ninguém, não tendo o minimo desejo de suicidar-se, e além d'isso sem ter podido contar, pelo menos aos vivos, que ensaiara a guilhotina de Luis XVI.

E pareceu-lhe tambem que no outro mundo a narração não produziria effeito algum.

Convencido de que podia enganar-se com as moles, o parisiense entendeu que o melhor que podia fazer era gritar.

E gritou.

Mas não acudiu ninguém.

Gritou mais.

Os visitantes do museu, ouvindo-o, aproximaram-se.

— Que demonio está ali a fazer aquelle homem? perguntou um dos bons habitantes de Londres, que o *Punch* designa pelo nome de *cockneys*.

— Oh! respondeu outro mais avisado. Esta snr.^a Tussaud não sabe que inventar para recreio do publico que lhe frequenta o estabelecimento.

Julgou decente que a guilhotina sem pedacinho de carne de attractivos, e alugou um rapaz para fazer as vezes de criminoso. Ora como em Londres não se guilhotina, levou a verdade historica até o ponto de constatar um francez para representar de reu.

— Acudam! Soccorro! gritava o parisiense.

— Bravo! Muito bem! respondia o Inglez. Faz o seu papel ás mil maravilhas. Bravissimo.

— O' senhor, eu juro-lhe por tudo quanto ha que não estou fazendo papel nenhum. Acho-me aqui por acaso.

— Muito bem! Assim mesmo é que deve continuar. Optimo!

— O que diz elle? perguntaram os mais visitantes que iam chegando.

— Nada. Repete uma lição que lhe ensinaram, e dil-a, por signal, muito bem.

— O' senhores, pelo amor de Deus! gritava o parisiense com a falla cada vez mais fraca. Soltem-me! Mas cuidado! Não se enganem com a mole! Vamos! Esqueçam que eu sou francez, e que os senhores são Inglezes. Todos os homens são irmãos. Então, por favor! Acudam-me!

— Bravo! Bravo! Bravissimo! Repete o Inglez applaudindo furiosamente acompanhado pelos outros.

Por fim os bravos e os applausos faziam tal barulho, que veio attrahido pela bulha um dos empregados do estabelecimento. Atravessando por entre os grupos chegou ao pé do cativo, e perguntou-lhe por que se entregava a similhante graccio.

O parisiense conheceu que lhe chegava auxilio e como fallava alguma coisa Inglez e o empregado arranhava francez, acabaram ambos por se entender.

O empregado voltou-se para os circumstantes e explicou-lhes o acontecido, mas elles oppozeram-se formalmente a que fosse posto em liberdade o francez, que pela sua parte pedia, voz em grita, que o ticssem d'alli quanto antes.

— Tenha paciencia, redarguiu o empregado; um dos nossos visitantes foi buscar sua mulher que tinha ficado ao pé do berço do rei de Roma. Espere que a tal senhora o venha ver. Um minuto de mais ou de menos não faz nada ao caso.

— Mas eu é que não quero estar n'esta posição, nem mais um segundo! Não vim aqui para divertir o publico. Paguei como os mais...

— Ora vamos, tenha paciencia...

— Ao senhor custa-lhe pouco a fazer esse pe-

dido, mas eu... soffoco... vou ter uma hemorragia... uff!

— Onde está elle? Onde está elle? perguntou a Ingleza, abrindo passagem por entre os espectadores da scena.

— Ali. Vê, respondeu o marido.

— Mas eu disseste que elle gritava... E agora porque não grita? Quero que grite para mim! como gritou para os seus...

Mas o paciente nem já resfollegava.

— Senhor, disse-lhe o marido, como francez, é amavel, e por isso não se recusará ao pedido d'uma senhora. Vamos! De um, dois, ou tres gritos, e declaramo-nos satisfeitos.

O parisiense não só deixara de gritar, mas conservava-se completamente immovel.

Lombaram-se então de que podia estar incommodado, e por isso o empregado do museu pôz a mole em movimento, tirou o paciente do postigo e collocou-o em pé.

O parisiense caiu como massa inerte: estava desmaiado.

Fizeram-lhe respirar saes, doitaram-lhe agua gelada no rosto, até que, com grande satisfação dos circumstantes, abriu os olhos.

Ao voltar a si, o seu primeiro movimento foi levar as mãos á cabeça, e sentido-a entre os hombros, deu um grito de fievética alegria, e sem reclamar o chapéu, que ainda o está esperando a esta hora, fugiu a bom correr do museu da sr.^a Tussaud!...

ALEXANDRE DUMAS.



MARIA STUART

No espaçoso salão, armorialto e frio,
Fia completo silencio; em quadros de valor,
Destacam-se painéis d'um tom grave e sombrio.

Brilha por toda a parte o vivo fulgor,
De armas esculpturadas e lanças temerosas,
E dos fuzeeiros broqueis de artistico lavor.

Desdobra-se o velludo em pregas magestosas.
No largo reposteiro, e nos coxins doirados,
Alastram-se gentis, as sedas preciosas.

Nos florões da janalla, em frisos rendilhados,
Veem posar em bando as aves doidejantes,
Soltando alegremente uns limpidos trinaes.

Rumorejão lá fora as vagas soluçantes,
E vê-se ao longe o mar, colosso grandioso,
Boiando no seu dorso embarcações distantes.

A Rainha da Escocia, immersa em um saudoso,
E vago meditar, contempla, com tristexa,
Essa visão brilhante, esse painel formoso.

Faz-lhe sobresahir a genial belleza,
O vestido severo e negro do velludo,
Onde fajica a luz d'uma real torquexa.

Postas as mãos no seio e quasi alheia a tudo,
Essa mulher gentil, voluptuosa e doce,
Tinha no rosto escripto um desespero mudo.

De repente sorrio; quem sabe talvez fosse,
A terna commoção do timbre immaculado,
D'uma canção de amor, que a viração lhe trouxe.

Talvez fosse um desejo ardente, enamorado,
Um sonho, uma ambição, que fosse despertar,
O doirado prazer em seu peito enlucado.

Nada d'isso porém: fitando, ao longe, o mar,
Essa mulher formosa e bella como a esparança,
Sentira em sua mente aliva desportar.

A quadra juvenil da sua vida em França.

Porto, 1889.

ALFREDO ALVES.



A REVISTA DAS REVISTAS

POPULAÇÃO DO BRAZIL EM 1888

A população das 20 provincias Brazil, calculada, segundo a nota estatística recentemente publicada no livro *População e territorio* do sr. Favilla Nunes, é a seguinte, com relação a 1888:

Amazonas	80.654
Bahia	407.356
Paraná	488.443
Minhyuby	266.936
Ceará	252.639
Rio Grande do Norte	198.348
Parahyba	496.678
Pernambuco	1.100.831
Alagoas	459.371
Sergipe	132.640
Bahia	1.821.689
Espirito Santo	121.566
Município Neutro	406.558
Rio de Janeiro	1.164.164
S. Paulo	1.306.372
Paraná	1.277.548
Santa Catharina	236.340
Rio Grande do Sul	643.352
Minas Geraes	3.012.865
Guya	211.721
Matto Grosso	79.750

14.002.335

Calcula-se tambem que o augmento da população do Brazil, nos ultimos 16 annos, foi de 4.056.865 habitantes.

A marinha brasileira

A marinha, é muito importante e a ella deve o Brazil grandes servicos, principalmente do rante a guerra do Paraguay.

Além de outros, que estão em construcção, a armada possui os seguintes navios:

Cinco couraçados, de 1.^a classe — « Ria-chuelo », « Aquidaban », « Sete de Setembro », « Solimões » e « Javary »; um de 2.^a, « Bahia »; tres de 4.^a, « Rio Grande », « Alagoas » e « Piahy »; dois cruzadores de 1.^a classe, « Guanabara » e « Almirante Barroso »; tres de 2.^a, « Trajano », « Primeiro de Março » e « Parahyba »; dois navios escolas de 1.^a classe, « Niteroy » e « Amazonas »; quatro de 4.^a — « Aprendiz Marinheiro », « Caravelas », « Guararapes » e « Paqueta »; oito canhoneiras de 3.^a classe, « Marajó », « Iniciadora », « Guarany », « Comoeim », « Carioca », « Manaoas », « Affonso Celso » e « Cabedello »; oito de 4.^a, « Henrique Dias », « Traripe », « Fernandes Vieira », « Lamego », « Bracconet », « Vidal de Negreiros », « Taquary » e « Tramanday »; dois vapores de guerra de 3.^a classe, « Madeira » e « Purús »; tres rebocadores de 4.^a classe, « Lima Duarte », « S. Leopoldo » e « Lomba »; oito torpedeiros e pequenos navios auxiliares em numero de nove. **OVE**

O pessoal é de cerca de 5:800 homens.

Onde está o parigo.

Servimo-nos hoje do titulo da ultima chronica do nosso director Mariano Pina, para transcrever algumas passagens d'um artigo do *Tempo*, sobre o mesmo assunto.

Mariano Pina mostrava quaes eram as verdadeiras causas da decadencia e da relaxação d'uma parte da sociedade portugueza: — falta de disciplina na burocracia e no exercito; falta de instrucção; e ausencia de sentimento religioso. Estas opinões, que pelas jacobinas podem ser imputadas de retrogradas, estão porém d'accordo com as theorias dos modernos pensadores, liberos da embriaguez do Sulfragio Universal e dos Direitos do Homem, como platicamente os proclamaram os nossos avós. **VOS**

No artigo do *Tempo*, visivelmente escripto pelo illustre historiciador Oliveira Martins, encontramos o mesmo



S. A. a PRINCEZA ISABEL, CONDESSA D'EU.

DOM PEDRO, DOM LUIZ e DOM ANTONIO
FILHOS DOS CONDES D'EU.

S. A. O PRINCEPE LUIZ D'ORLÉANS, CONDE D'EU.

acordo de ideias. É pois com duplo prazer que passamos a transcrever certas passagens d'esse artigo, que tinha por título: *Nem tanto do mar, nem tanto da terra.*

..... queremos que se governe bem no sentido de fazer respeitado o poder, desafiando-o dos anaxvalhos a que o vemos exposto.

Por isso é que dizemos: *nem tanto da terra...*

..

Mas, valha a verdade, se não estamos no optimismo com o dr. Pangloss, também não estamos no pessimismo com Schopenhauer. Não queremos, como elle escrevia, — que o Estado seja simples, mente o açaimo para tornar inoffensivo o animal carnívoro, o homem.

Estávamos servidos se a pretexto de disciplinar a sociedade a calçassemos no despotismo! Seria o mesmo que dar a liberdade a alguém... mas dentro

das quatro paredes d'um carcere, e com estas recommendações peremptórias:

— Tem a liberdade de passear — mas se se macher, leva um tiro; pôde fallar á vontade, — mas se disser uma palavra, é garrotado; tem o direito de escrever — mas se se atrever a pôr a mão na penna que se lhe dá, ou se servir do tinteiro que se lhe entrega, pratica um crime de força...

Nada! Temos diversa doutrina e por outra forma queremos o respeito e a força das instituições. Já aqui temos exposto por varias vezes os nossos principios. Somos tanto contra o abuso do poder como contra a sua fraqueza. Insurgimo-nos contra o subalterno que publicamente vem fazer alarde de ter desatado o seu superior, e insurgimo-nos contra quem o deixou ficar a gozar uma impunidade demoralisadora. Protestamos contra o official e alto funcionario da monarchia, que n'essa dupla qualidade jurou acatal-a e servil-a, e impudentemente vae presidir a reuniões onde se faz contra ella propaganda. E protestamos contra quem lhe consente. Somos adversarios declarados da tolerancia ao

empregado d'uma secretaria publica, explorando em jornaes, ou atacando no parlamento, o ministro a quem deve obediencia e respeito, pedindo-lhe contas e impondo-lhe responsabilidades, por actos de que tomou conhecimento em razão do proprio cargo. E somos contra quem o não castigou.

Contra estes e semelhantes abusos, contra o abandalhamento, contra a relaxação, contra esse estado revoltante da boa ordem e disciplina social, em que todos livre e impunemente desacatam aquelles que estão por cima, sem quebra das attentões que requerem dos subordinados, — contra isso protestamos hoje. Queremos as instituições rodeadas do prestigio que precisam, e queremos aquelles que as guardam rodeados do respeito que n'essa qualidade merecem. Tanto se emporcalha o que lhe cospe injurias — como aquelle que por relaxação ou tibieza as deixou emporcalhar.

Mas d'aqui até ao regimem... do Miguel, A'caide, vae grande distancia.

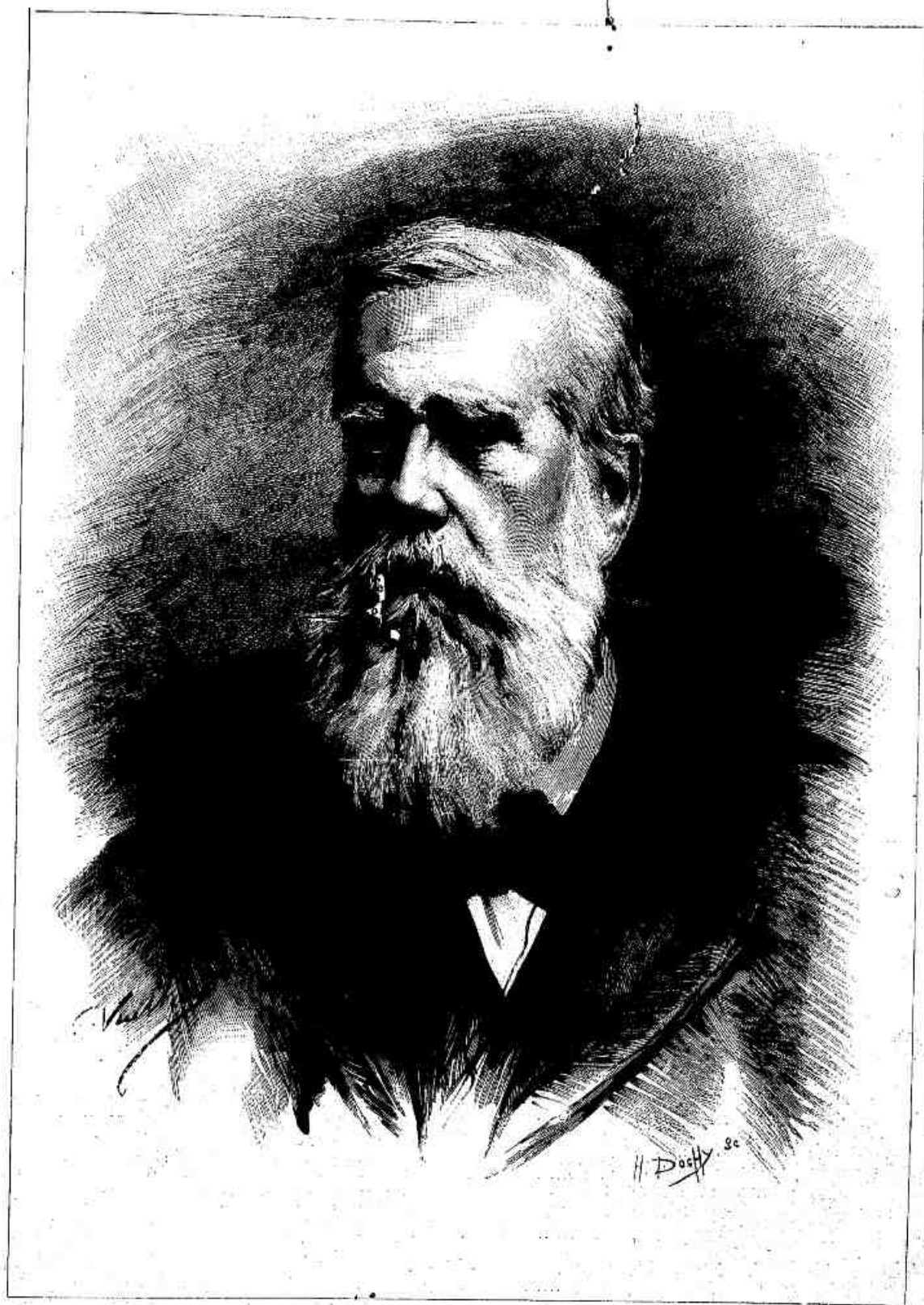
Nem tanto do mar...



S. A. O PRINCEPE DOM PEDRO AUGUSTO DE SAXE.



S. M.ª SRA. D. MARIA THERESA, EX-IMPERATRIZ DO BRAZIL.



SUA Magestade o Sr. D. Pedro II, Ex-Imperador do Brazil.



S. A. A. PRINCESA ISABEL, CONDESSA D'EU.

DOM PEDRO, DOM LUIZ E DOM ANTONIO
FILHOS DOS CONDES D'EU.

S. A. O. PRINCIPE LUIZ D'ORLÉANS, CONDE D'EU.

acordo de ideias. É pois com duplo prazer que passamos a transcrever certas passagens d'esse artigo, que tinha por título: *Nem tanto ao mar, nem tanto à terra.*

... queremos que se governa bem no sentido de fazer respeitado o poder, desafiando-o dos enxovalhos a que o vemos exposto.

Por isso é que dizemos: *nem tanto à terra...*

Mas, valha a verdade, se não estamos no optimismo com o dr. Pangloss, também não estamos no pessimismo com Schopenhauer. Não queremos, como elle escrevia, — que o Estado seja simples, mente o scálmio para tornar inoffensivo o animal carnívoro, o homem.

Estávamos servidos se a pretexto de disciplinar a sociedade a calçassemos no despotismo! Seria o mesmo que dar a liberdade a alguém... mas dentro

das quatro paredes d'um carcere, e com estas recomendações peremptórias:

— Tem a liberdade de passear — mas se se mecher, leva um tiro; pôde fallar à vontade, — mas se disser uma palavra, é garrotado; tem o direito de escrever — mas se se atrever a pôr a mão na penna que se lhe dá, ou se servir do tinteiro que se lhe entrega, pratica um crime de força...

Nada! Temos diversa doutrina e por outra forma queremos o respeito e a força das instituições. Já aqui temos exposto por varias vezes os nossos principios. Somos tanto contra o abuso do poder como contra a sua fraqueza. Insurgimo-nos contra o subalterno que publicamente vem fazer alarde de ter desatado o seu superior, e insurgimo-nos contra quem o deixou ficar a gozar uma impunidade desmoralizadora. Protestamos contra o official e alto funcionario da monarchia, que n'essa dupla qualidade jurou acatá-la e servil-la, e impudentemente vae presidir a reuniões onde se faz contra ella propaganda. E protestamos contra quem lhe consente. Somos adversarios declarados da tolerancia ao

emprego d'uma secretaria publica, explorando em jornaes, ou atacando no parlamento, o ministro a quem deve obediencia e respeito, pedindo-lhe contas e impondo-lhe responsabilidades, por actos de que tomou conhecimento em razão do proprio cargo. E somos contra quem o não castigou.

Contra estes e semelhantes abusos, contra o abandono, contra a relaxação, contra esse estado revoltante da boa ordem e disciplina social, em que todos livre e impunemente desacatam aquelles que estão por cima, sem quebra das attentões que requerem dos subordinados, — contra isso protestamos hoje. Queremos as instituições rodeadas do prestigio que precisam, e queremos aquelles que as guardam rodeados do respeito que n'essa qualidade merecem. Tanto as emporcalha o que lhe cospe injurias — como aquelle que por relaxação ou tibieza as deixou emporcalhar.

Mas d'aqui até ao regimen... do Miguel, Alcaide, vae grande distancia.

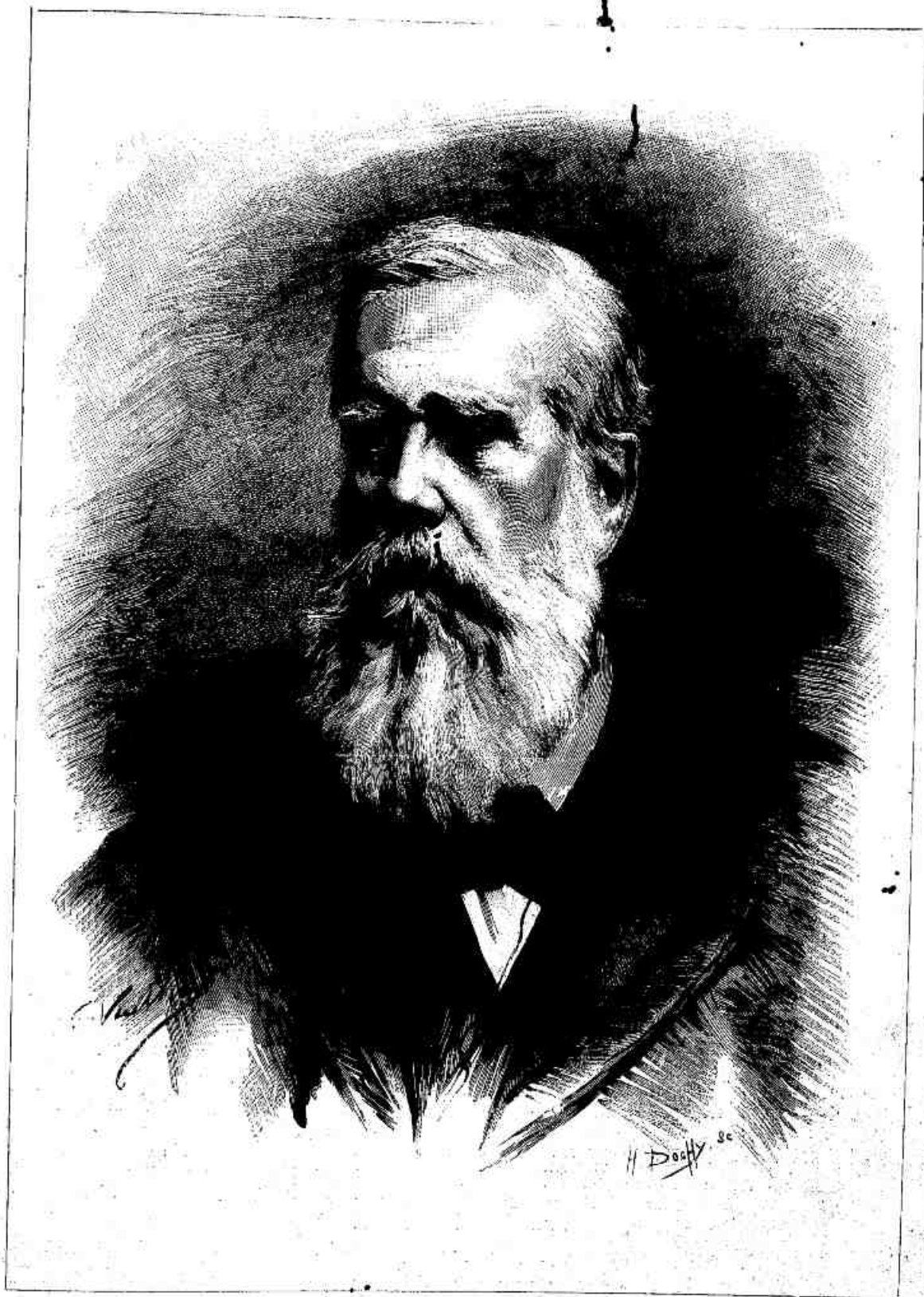
Nem tanto ao mar...



S. A. O. PRINCIPE DOM PEDRO AUGUSTO DE SAXE.



S. M. a SRA. D. MARIA THERESA, EX-IMPERATRIZ DO BRAZIL.



SUA Magestade o Sr. D. Pedro II, Ex-Imperador do Brazil.

PARIS DURANTE A EXPOSIÇÃO

Segundo os elementos estatísticos recolhidos pelo *Temps*, pode saber-se d'uma maneira muito próxima da exactidão qual foi a população fluctuante da grande metropole durante o periodo da exposição universal, e que Paris absorveu em comidas e bebidas, e quasi os meios de transporte empregados.

Meios de transporte

Os elementos para este capitulo são fornecidos pelas companhias de caminhos de ferro, segundo os mappaes do movimento dos tres mezes consecutivos á abertura da exposição.

Viajantes sahidos de Paris.

	1888	1889
Estad.	13:333	13:389
Nord.	1.355:212	1.570:349
Est.	2.689:209	2.913:543
Ouest.	4.437:777	4.991:882
Orléans.	634:568	667:067
P.-L.-M.	634:920	626:536

Diferença a favor de 1889. 9.762:019 1.782:766
1.020:747

Viajantes entrados em Paris.

	1888	1889
Estad.	15:108	25:722
Nord.	1.347:117	1.379:793
Est.	2.673:716	2.979:039
Ouest.	4.376:687	4.853:420
Orléans.	611:639	651:935
P.-L.-M.	623:022	614:794

Diferença a favor de 1889. 9.647:289 10.704:703
1.057:414

Por um lado os trens de cintura transportaram durante o mesmo lapso de tempo approximadamente 7.950.000 passageiros ou 2.200.000 mais do que em 1888.

Os barcos parisienses forneceram durante os tres primeiros mezes, o mappa seguinte:

	1888	1889
Maio	1.633.606	3.058.758
Junho	1.434.443	3.886.248
Julho	1.602.465	4.061.320

Totais 4.670.514 11.006.326
Diferença para mais em 1889 6.335.812

Observando que muitos serviços d'omnibus, que fazem hoje o trajecto da exposição, não funcionavam ainda em maio, e que foi só em principios de julho que foram postos em actividade, vê-se que estes serviços especiaes transportaram em maio 27.377 passageiros, em junho 391.485 e em julho 595.444.

Se se examinar agora a nota das receitas comparadas dos mezes de maio, junho, julho, e agosto de 1888 e 1889, apura-se, para as grandes linhas de caminhos de ferro acima citadas e para as companhias secundarias, os seguintes algarismos, que são eloquentissimos:

	em 1888 (4 mezes) receitas	Totais
Grande veloc.	197.065.000 fr.	353.264.000 fr.
Pequena veloc.	1889 (4 mezes)	
182.258.000 fr.	204.901.000 fr.	387.159.000 fr.
Diferença em favor de 1889:	33.865.000 fr.	

Verificou-se tambem pelos boletins mensaes de receita que a progressão não começou realmente senão a partir do fim de agosto. A progressão do mez de setembro excede, d'uma somma importante, a media acima.

O numero de viajantes calculado pela policia sobre os registros dos hotéis, casas de pensão ou quartos mobilados não é menos interessante, embora os seus dados estejam abaixo da verdade porque muitos provincianos e estrangeiros não foram para os hotéis, e as declarações de certos hotéis são o que ha de mais fantasista.

Eis a esse respeito uma nota o mais detalhada possível:

Estrangeiros chegados a Paris e hospedados em hotéis

	1888	1889
Maio	18:012	30:359
Junho	15:558	40:180
Julho	16:168	50:034
Agosto	20:005	64:475
	69:743	185:048

Francozes

	1888	1889
Maio	47:916	59:309
Junho	40:507	75:360
Julho	43:070	89:850
Agosto	44:273	123:458
	174:768	347:977

Basta um relancear d'olhos sobre este mappa para se observar a progressão durante os quatro mezes.

Compreende-se facilmente que uma agglomeração de individuos dispondo de tão numerosos meios de locomoção sulcando as ruas dia e noite, os accidentes da via publica deviam ser mais numerosos do que nos annos precedentes.

Eis um mappa comparativo:

	291 accidentes	456
Maio	305	407
Junho	409	419
Julho	367	597

Paris, durante o periodo da Exposição, gosou d'uma situação excepcional a respeito de hygiene, e longe de se verificar uma accentuação na mortandade, os algarismos apresentaram uma diminuição no numero dos obitos, devido certamente ás condições climatericas excepcionaes que tem gosado a grande cidade, e tambem o caracter d'esses quatro mezes da festa. Os philosophos tem observado que quando se está contente, ninguém pensa em morrer. Ninguém, nem estrangeiros nem parisienses, tiveram tempo para estar triste; e até os que vieram para consultar medicos se esqueceram d'isso.

Terminaremos este esboço da vida parisiense com alguns algarismos que dão noticias do estado comparativo dos *pick-pockets* presos pela policia municipal, durante os mesmos periodos dos annos de 1888 e 89.

	1888	1889
Maio	6 prisões, sendo 2 estrangeiros	
Junho	13 " " 4 "	
Julho	5 " " 2 "	
Agosto	2 " " 0 "	

	1888	1889
Maio	33 prisões, sendo 14 estrangeiros	
Junho	37 " " 14 "	
Julho	34 " " 11 "	
Agosto	22 " " 4 "	

Esta diminuição progressiva é bastante curiosa para deixar de ser anotada.
Iraõ os homens para bons?
Hum!

O ventre de Paris

O mappa seguinte dá o consumo da cidade de Paris durante os tres primeiros mezes da Exposição, isto é, do 1.º de maio a 31 de julho de 1889.

	1888	1889
Bois touros e vacas	73:710	72:853
Vitellas	74:683	79:200
Carneiros	405:038	475:308
Porcos	70:913	73:482
Cavallos	21:065	3:009
Mulas	35	35

A diferença em favor de 1889 é a seguinte:

	1888	1889
Vitellas	4:517	
Carneiros	10:270	
Porcos	3:568	
Cavallos	44	

D'este mappa verifica-se que o consumo de carne de vacca foi menor em 1889 do que em 1888, e a estatistica aponta uma diminuição de 857 cabeças.

Em resumo, e em outros termos, Paris consumiu 43.777.849 kilogrammas de carne durante estes noventa dias, isto é 210.973,9 kilogrammas a mais do que em 1888.

Pelo que se refere aos outros comestiveis e bebidas, encontram-se os seguintes algarismos em excesso sobre o exercicio correspondente de 1888: Peixes, 52:062 kilogrammas; aves, 107:410 kilogrammas; manteiga e queijos, 430:180 kilogrammas; ovos, 17:141 kilogrammas; vinho embarrilado, 119:702 hectolitros; alcool puro e liciores, 3:152 hectolitros; cerveja, 52:062 hectolitros.

Eis agora os algarismos gersees do consumo de liquidos em Paris durante este periodo de 90 dias.

Vinho embarrilado 119:565 hectolitros; alcool puro e liciores 39:983 hectolitros; cerveja 140:962 hectolitros.

TSARINE PÓ DE AZEOZ RUSSO

Adhucate, Quarta-feira, Principal
PREPARADA POR VIOLETT
28, Boulevard des Capucines, PARIS

As novas formulas officiaes

O *Diario do Governo* publicou o seguinte:

Seão indispensavel estabelecer o formulario, com que durante o meu reinado devem ser expedidos os diplomas e actos do governo, e das autoridades, que mudam em nome do Rei: hei por bem, tendo em vista o disposto na carta constitucional da monarchia, decretar o seguinte:

1.ª A promulgação das leis será feita com esta fórmula: « Dom Carlos, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte: (A integra da lei nas suas disposições).

« Mandámos portanto a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

« O ministro e secretario d'estado (o da repartição competente) a faça imprimir, publicar e correr. Dada, etc. »

2.ª A formula das cartas patentes, e de quaisquer outros diplomas do governo, ou cartas e titulos dos tribunales, que se costumam expedir em nome expresso do Rei, será: « Dom Carlos, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. »

3.ª A formula dos alvarás será: « Eu El-Rei faço saber. »

4.ª As cartas regias para subditos portuguezes dirão no lugar competente: « Eu El-Rei ». Para estrangeiros dirão: « Eu El-Rei de Portugal e dos Algarves, etc. »

5.ª Os decretos terão a formula ordinaria: « Hei por bem. »

6.ª As portarias do governo terão esta fórmula: « Manda Sua Magestade El-Rei, pela secretaria d'estado dos negocios, etc. »

Nas portarias expedidas pelos tribunales nos casos do estylo a fórmula será: « Manda Sua Magestade El-Rei, pelo tribunal, etc. »

7.ª As supplicas, officios e mais papeis, que me forem dirigidos, ou immediatamente ou pelos tribunales, empregarão o tratamento de Magestade, e principiarão dizendo « Senhor ».

A direcção externa será: « A Sua Magestade El-Rei. »

Toda a correspondencia official deve ser expedida sob a fórmula: « Serviço nacional e real. »

Os ministros e secretarios d'estado de todas as repartições assim o tenham entendido e façam executar.

Paris, em 19 de outubro de 1889.

EL-REI,

JOSÉ LUCIANO DE CASTRO. — FRANCISCO ANTONIO DA VEGA BERRÃO. — HENRIQUE DE BARROS GOMES. — JOSÉ JOAQUIM DE CASTRO. — FREDERICO RISSANO GARCIA. — EDUARDO JOSÉ CORREIA.

[illegible]

